



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 9 de julho de 2022

Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Salário mínimo	Dólar Na sexta-feira	Euro Comercial, venda na sexta-feira	Capital de giro Na sexta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,44% São Paulo	100.730	R\$ 1.212	R\$ 5,268 (-1,44%)	R\$ 5,363	6,76%	13,25%	0,67%
0,15% Nova York	100.28						

CONJUNTURA

Alimentos puxam inflação em junho

IPCA acelera para 0,67%, maior taxa para o mês desde 2018. Alimentação fora do domicílio e planos de saúde pressionam índice

» FERNANDA STRICKLAND
» RAPHAEL PATI*

A inflação subiu 0,67% em junho, após a variação de 0,47% no mês anterior. É a maior taxa para um mês de junho desde 2018, quando ficou em 1,26%. A alta foi influenciada principalmente pelo aumento de 0,80% no grupo de alimentação e bebidas, que tem grande peso (21%) no índice geral. No ano, a inflação acumulada é de 5,49% e, nos últimos 12 meses, de 11,89%. Os dados são do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado ontem pelo IBGE.

Segundo o gerente da pesquisa, Pedro Kislakov, o resultado foi influenciado, em grande parte, pelo aumento médio no preço dos alimentos para consumo fora do domicílio, de 1,26%. “Nos últimos meses, esse item ficou estável. Assim como outros serviços que tiveram a demanda reprimida na pandemia, agora há uma retomada na busca pela refeição fora de casa. Isso se reflete nos preços”, explicou Kislakov.

O pesquisador também destacou outro fator: o aumento médio de 2,99% dos planos de saúde. “Em maio, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) autorizou reajuste de até 15,50% nos planos individuais, com vigência a partir de maio”, disse. “No IPCA, houve, em junho, a apropriação das frações mensais de maio e junho, o que impactou bastante esse resultado”, pontuou.

O plano de saúde foi o item individual que teve maior impacto no índice do mês (0,10 p.p.) e impulsionou a alta de 1,24% no grupo de saúde e cuidados pessoais.

No grupo alimentação no domicílio, alimentos importantes da cesta de consumo dos brasileiros tiveram redução de preços, a exemplo da cebola (7,06%), da batata-inglesa (3,47%) e do tomate (2,70%). No geral, porém, tudo está muito caro. O aposentado João Bezerra Filho, 79 anos, observou que os preços no supermercado subiram muito. “Perdemos o controle. A carne está um absurdo. Se você manda moer 1kg de carne, é R\$ 45. Eu fico impressionado com esses preços, mas fazer o quê? Não tem como não comprar mais nada, precisamos comer”, lamentou.

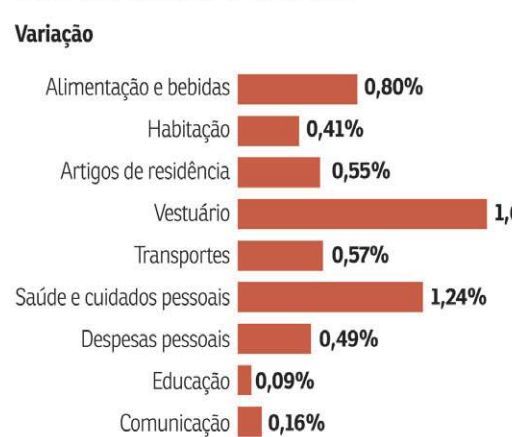
Peso no bolso do consumidor

IPCA acelera para 0,67% em junho, após ter registrado 0,47% em maio. A alta foi influenciada principalmente pelo aumento de 0,80% no grupo de alimentação e bebidas



ALTAS EM JUNHO

A maior variação foi do grupo vestuário, com alta de 1,67%. Já o maior impacto veio de alimentação e bebidas com 0,80%, que respondeu por 0,17 ponto percentual do IPCA do mês.



Fonte: IBGE

O professor de geografia aposentado, Esídio Sérgio, 61, se queixa de que o poder de compra diminuiu a cada dia. “A inflação corrói o salário da gente, que não tem aumento para repor essas perdas. Consequentemente, vai diminuindo o consumo da população”, afirmou. “O agronegócio brasileiro exporta carne para o mundo inteiro. Então, eu não aceito que a gente tenha que se humilhar para comprar 1kg de frango. Como é que,

num país que exporta alimento para o mundo inteiro, haja pessoas passando fome? É inaceitável isso”, declarou.

Combustíveis

Para o economista e professor da PUC-Rio Luiz Roberto Cunha, neste mês, há possibilidade de ocorrer deflação, por causa da redução dos preços do diesel e da gasolina em resposta ao corte de impostos. “Ou seja, nós vamos

ter um dado muito interessante no próximo índice, que é uma deflação no IPCA”, afirmou.

O economista, porém, observou que ainda há incerteza muito grande em relação à inflação de 2022. “Vai depender muito do câmbio. Nesses últimos dias, em função do cenário externo e do político, já deu para perceber uma desvalorização cambial”, disse.

*Estagiário sob a supervisão de Odail Figueiredo



Como é que, num país que exporta alimento para o mundo inteiro, haja pessoas passando fome? É inaceitável!

Esídio Sérgio, professor aposentado

Brasília: alta de 0,81%

O levantamento do IBGE mostrou que, em Brasília, a inflação aumentou 0,81% em junho, registrando a maior taxa para o mês desde 2018, quando o índice atingiu 1,20%. Na capital, os nove grupos de produtos e serviços pesquisados apresentaram alta, mas o campeão foi o setor de saúde e cuidados pessoais, com variação mensal de 1,64%.

De acordo com a pesquisa, o aumento no grupo de saúde e cuidados pessoais foi influenciado pelo reajuste de até 15,50% dos planos de saúde individuais autorizado pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) em 26 de maio. Ainda no setor, houve aumento nos preços de higiene pessoal, de 1,36%, e de produtos farmacêuticos, com 1,12%. O segundo maior impacto no mês, em Brasília, veio do grupo habitação, com variação de 1,11%, com destaque para aumentos em condomínio (2,55%) e aluguel residencial (1,52%).

No capital, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), que havia recuado 0,01% em maio, subiu 0,57% em junho. Em 12 meses, o indicador acumula alta de 11,57%.

Vânia dos Santos, 62, que está desempregada, disse que percebeu aumento no leite e na alimentação em geral. “Se a gente vai fazer compra em uma semana, na outra já aumentou bastante. Coisas que a gente comprava em grande quantidades, hoje não dá mais.

Antes, conseguia comprar vários tipos de fruta e hoje só consigo comprar um”, pontuou.

Os dados do IBGE mostram que todas as 16 regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa tiveram alta na inflação de junho. O menor resultado foi o da região metropolitana do Rio de Janeiro com 0,12%, influenciado pelas quedas de 1,98% na energia elétrica e de 1,89% no preço das carnes. A maior variação, por sua vez, ocorreu na região metropolitana de Salvador com 1,22%, impactada pelas altas de 8,86% nas tarifas dos ônibus urbanos e de 4,63% na gasolina.

CNI eleva previsão de crescimento do PIB em 2022

» ROSANA HESSEL

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) acompanhou os demais agentes de mercado e revisou a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2022 para 1,4%, de acordo com o Informe Conjuntural do segundo trimestre, divulgado ontem. Em abril, a previsão era de 0,9%. A nova estimativa é melhor do que a de dezembro de 2021, quando a entidade previa alta de 1,2% no PIB.

Um dos motivos da revisão foi a expectativa de melhor desempenho da atividade econômica no primeiro semestre, apesar da crise global

provocada pela guerra na Ucrânia, iniciada em 20 de fevereiro, que foi o principal motivo do corte da previsão anterior, em abril, destacou o gerente-executivo de Economia da CNI, Mário Sérgio Telles.

“A retomada do mercado de trabalho, com mais pessoas trabalhando, está sendo importante para o aumento da massa salarial”, afirmou Telles. Conforme dados coletados pela entidade, o rendimento médio real vem crescendo, a despeito da inflação elevada. Por conta disso, a CNI revisou a expectativa de taxa de desemprego média no ano, de 12,9% para 10,8%, e

o crescimento da massa salarial real, de 1,4% para 1,6%.

Segundo Telles, outro fator que está ajudando a dar um impulso no segundo trimestre é o impulso fiscal, que deve se estender no terceiro trimestre. Ele destacou que o adiantamento do 13º salário para aposentados e pensionistas e a liberação de saques emergenciais de até R\$ 1 mil do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), além da retomada do pagamento do abono salarial e aumento das transferências diretas de renda estão estimulando o consumo.

Ele adicionou à lista a Proposta de Emenda Constitucional

(PEC) nº 1/22, ou “PEC Kamikaze”, em tramitação no Congresso, que cria uma série de benefícios, como o voucher de R\$ 1 mil para os caminhoneiros, e amplia o valor do Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600 por mês. “Esse aumento das transferências de renda deve ter algum impacto no segundo semestre”, disse.

Alerta

A ampliação de benefícios também levou o Itaú Unibanco a revisar para cima a projeção para o PIB de 2022. A instituição financeira, no entanto,

alertou para a piora no cenário fiscal diante do pacote de “bondades” eleitoreiras da PEC Kamikaze. O banco melhorou as estimativas para crescimento do PIB deste ano, de 1,6% para 2%, mas manteve em 0,2% a previsão de alta em 2023.

“A sustentabilidade fiscal está voltando a ser um desafio relevante. Não se trata de uma preocupação com números fiscais de curto prazo, e sim com a trajetória que parece estar contratada para o futuro. O próximo governo terá que definir sobre a continuidade dos auxílios que serão implementados no segundo

semestre deste ano, além do arcabouço fiscal que será válido à frente, em uma economia emergente com dívida pública alta e juros elevados”, destacou documento divulgado pela equipe liderada pelo economista-chefe Mario Mesquita.

A instituição prevê rombo fiscal de 0,4% do PIB neste ano. Antes, a estimativa era zero. E, para 2022, o déficit primário foi ampliado de 0,1% para 1,5% do PIB. Com isso, a dívida pública bruta, pelas projeções da instituição financeira, passará de 79% do PIB, neste ano para 84%, em 2023.